

Reconduzir as ciências à Teologia: uma resposta ao Aristotelismo.

Frederico Moreira de Souza¹

Resumo: Este trabalho é o resultado de uma análise feita sobre a obra *Recondução das Ciências à Teologia* com o objetivo de identificar o posicionamento do teólogo São Boaventura em relação à propagação do estudo das obras que integravam o “aristotelismo” do século XIII que estavam presentes no ensino universitário e apresentavam outra explicação do mundo material e imaterial propondo outro estudo, outro pensamento, outro homem. Assim, o seu conteúdo apresentou um conhecimento que questionou os dogmas da Igreja católica. Portanto, para se compreender a reação das autoridades eclesiásticas em relação ao impacto dos escritos aristotélicos, é importante analisar a obra produzida pelo mestre franciscano, contemporâneo aos principais acontecimentos deste período. Uma das grandes características desta obra esta em seu caráter apologético, ao realizar uma classificação dos conhecimentos de forma hierárquica, Boaventura vai mostrar como ambos convergem para a Teologia. A superioridade da Teologia ou quarto lume consiste no foco do estudo. Neste escrito o objetivo foi demonstrar o fundamento comum das ciências que esta em seu próprio criador, o fato da investigação teológica esta direcionada a palavra de Deus justifica a importância que há nesse estudo em vista do terceiro lume ou conhecimento filosófico.

Palavras-chave: Aristotelismo. Universidades. São Boaventura. Teologia

Reconduzir as ciências à Teologia

No século XIII o Ocidente europeu conheceu um novo conjunto de obras que se referiam ao pensamento de Aristóteles. Entre essas, estão tratados e comentários de filósofos árabes e judeus o que pressupõe que esse conhecimento se deu indiretamente, pois, eram interpretações. Contendo ou não fidelidade ao pensamento de Aristóteles, o estudo feito por alguns intelectuais trouxe um saber antiteológico e conseqüentemente anticristão. Era um momento em que certos homens de saber percebiam o mundo sem a tutela da religião o que causava por outro lado aversão quanto à doutrina que se erguia.

O eixo deste trabalho é compreender a reação dos teólogos face à difusão das obras aristotélicas nos centros acadêmicos. Porém, considerando não haver uma homogeneidade na composição do corpo eclesiástico e de intelectuais, esta compreensão esta orientada para um estudo a parte: o posicionamento de São Boaventura (1221-1274), representante de uma postura conservadora, defensiva e religiosa, a partir da análise de sua obra *Recondução das*

¹ Aluno do quarto ano de graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás na Unidade Universitária na Cidade de Goiás, sendo este artigo oriundo de sua monografia de final de curso de graduação.

Ciências a Teologia. Trata-se de um texto produzido por um teólogo, membro da ordem franciscana, um mestre e também um dos principais intelectuais do seu tempo que não só vive os acontecimentos, mas se manifesta por intermédio de suas obras.

Nas corporações de saber do século XIII (Universidades) se realizavam os estudos e reuniam os cursos de Arte, Direito, Medicina e Teologia (VERGER, 2002). Nestes centros de estudo, o método utilizado pelos mestres nas lições era o método escolástico. Este consistia numa nova maneira de extrair o conteúdo de um texto no que se refere às ideias contidas em seu todo. Embora essas instituições de ensino fossem em seu contexto, novas, elas mantinham uma tradição. O estudo teológico, principalmente o realizado em Paris, era detentor de um *status* privilegiado entre os demais e de acordo com Jacques Le Goff (2007), um estudo longo que ao final contabilizavam quinze anos, mas que conferia ao seu concluinte uma autoridade reconhecida.

Um dos principais acontecimentos do século XIII foi às inovações que ocorreram no conteúdo do ensino. Elas se devem ao trabalho dos tradutores deste período (KOYRE, 1982). Os dois principais focos onde se deu essa ação foram a Itália e também a Espanha com destaque a cidade de Toledo onde as traduções eram frequentemente realizadas em equipe compostas por moçárabes, judeus e eruditos. O esforço dos tradutores em converter a linguagem de conteúdos tão complexos como o de obras filosóficas é ressaltado por Etienne Gilson:

O desenvolvimento filosófico e teológico do século XIII seguiu-se à invasão do Ocidente latino pelas filosofias árabes e judaicas e, quase simultaneamente, pelas obras científicas, metafísicas e morais de Aristóteles. Assim, a obra dos tradutores procedeu e condicionou a dos filósofos e dos teólogos. (...) (GILSON, 2007, p.445).

É importante perceber que o trabalho intermediário dos tradutores levou a renovação na cultura erudita do século XIII não podendo ser pensada sem a contribuição que trouxeram. O motivo que levou os intelectuais do Ocidente em direção ao Oriente perpassa o simples desejo intelectual em preencher lacunas no quadro dos saberes até então existentes e esta intimamente relacionada com as questões religiosas. O autor Luis Alberto De Boni (2010) menciona as traduções como um empreendimento científico e literário e deixa entender que elas ocorrem por uma razão que envolve fatos da temporalidade em que se dão.

O pesquisador Jacques Verger (2001), deixando transparecer certa busca pelo saber, revela o porquê da necessidade de deslocar-se para o Oriente:

Para ir mais longe, era necessário ter acesso aos próprios originais gregos jamais traduzidos em latim; e como praticamente não havia no Ocidente manuscritos gregos, ou letrados que soubessem grego, era preciso ir buscar estas obras lá onde elas se encontrassem, no Oriente ou nas margens, e traduzi-las em latim (VERGER, 2001, p.70).

Um fato extremamente relevante ligado ao ensino e as traduções do século XIII é o comentário. No século XII a maioria das obras traduzidas era diretamente atribuída a Aristóteles, Avicena, Al Kindi, Al Farabi entre outros. No século seguinte, vai suceder um evento adjetivado por Gilson (2007) como inevitável e conflituoso: é a incompatibilidade entre os saberes teológicos e aqueles retirados do novo aristotelismo.

Diferentemente das traduções do século XII, as do século XIII são em sua maioria obras e comentários essencialmente os de Averróis sobre a física, metafísica, a alma, céu, as plantas, os animais, etc. É primeiro na Faculdade de Artes que esses comentários vão ser estudados e irão constituir o primeiro esboço de uma nova proposta educacional. A situação se tornará mais aguda quando este estudo passar a estar presente também no curso de teologia. Os conhecimentos contidos nas traduções representavam um perigo, pois poderiam mudar a concepção de mundo até então predominante e veiculada nos centros universitários. Assim, era necessário que essas obras fossem analisadas antes de serem usadas no ensino. É nesse sentido que De Boni (2010) afirma que as obras deveriam passar por um processo de adaptação a doutrina cristã para depois estarem prontas para o ensino, ou seja, elas deveriam ser primeiro, cristianizadas.

De Boni (2010) menciona exatamente a situação deste momento:

(...) tanto entre os teólogos, como dentro da hierarquia eclesiástica, passaram a afirmar que haviam pontos irreconciliáveis entre o pensamento de Aristóteles e o pensamento cristão, que Averróis e outros comentadores nem sempre compreenderam corretamente os textos peripatéticos e que na Faculdade de Artes defendiam-se posições filosóficas que contrariavam a fé católica. (...) (DE BONI, 2010, p.66)

O aristotelismo, segundo o que afirma Alain de Libera (1998), nunca existiu puramente. O que esteve presente nas obras do século XIII são as interpretações e pensamentos árabes presentes nos comentários às obras de Aristóteles. Segundo Terezinha Oliveira (2005, p. 32), “A Cristandade latina tem que interpretar, assimilar e corrigir o

pensamento e é exatamente esse o processo que gera a grande crise do conhecimento medievo”. É preciso conhecer as obras, se apropriar de seu conteúdo. A crise mencionada nasce nesta circunstância, na análise feita pelos intelectuais. Assim, na concepção de Le Goff (2003), existia no Ocidente dois Aristóteles: um verdadeiro – aquele presente, já conhecido e conciliado, e outro – o do árabe Averróis². Na compreensão dos teólogos e das autoridades eclesiásticas, esses comentários pressupõem interpretações errôneas e consequentemente permite que os dogmas da igreja fossem questionados com argumentos fortes do aristotelismo. Assim, o desejo intelectual de conhecer esta novidade, deslocava o foco tanto do estudo quanto da fé. Por isso, em 1270 e em 1277, as autoridades proibiram as leituras desses comentários averroístas na universidade de Paris, pois acreditavam que os filósofos árabes não houvessem entendido realmente o pensamento dos autores que traduziram e comentaram (DE BONI, 2010).

Em 1277, o bispo de Paris, Étienne Tempier, apresentou uma lista contendo as teses, proposições e opiniões que, assim como as que se encontravam no averroísmo, eram contrárias à fé católica. Para se ter uma visualização ainda que não muito detalhada desta nova proposta deve-se observar abaixo as principais afirmações que preocupavam os teólogos e as autoridades eclesiásticas no século XIII:

- 18 – Que a ressurreição futura não deve ser admitida pelo filósofo, porque é impossível examinar isso racionalmente.
- 152 – Que a Teologia tem seus fundamentos sobre fábulas.
- 155 – Que não se deve ter preocupação com a sepultura.
- 168 – Que a continência em si mesma não é uma virtude.
- 169 – Que a abstenção total do contato carnal corrompe a virtude e a espécie.
- 174 – Que a lei cristã tem suas fragilidades e seus erros como as outras religiões (LE GOFF, 2003, p. 142).

Também é possível acrescentar outras proibições: que a felicidade estava em viver como um filósofo e não como crente; o mundo é eterno; Deus é a causa muito distante de todas as coisas; não há nenhum lugar do mundo onde se encontrem anjos e alma dos mortos; há uma alternância cíclica dos céus e as mesmas coisas voltam a ocorrer; o destino é senhor do mundo; a alma da humanidade é única em todos os homens e que a única felicidade possível encontra-se nesta vida, não no além (ALESSIO, 2002).

² Averróis nasceu em Córdoba (Espanha) em 1126. Estudou Teologia, Direito, Matemática, Medicina e Filosofia.

Como se pode observar, as afirmações são contrárias à doutrina cristã principalmente quando tange ao começo das coisas, desfazendo o dogma da criação, uma “verdade sagrada” para teólogos como Boaventura. Outra afirmação contrária aos dogmas da igreja, apresentado por Alessio (2002), refere-se à afirmação de que a humanidade é única em todos os homens levando a conclusão final de não existir a pessoa enfatizada pelos pregadores cristãos como alma. Esta que pode vir a conhecer tanto o céu quanto o inferno a depender da conduta durante a vida material. As demais afirmações podem em sua natureza ser consideradas como desdobramentos destas duas.

Percebe-se que o centro do problema com relação às proibições esteve não no conteúdo, mas antes na interpretação sobre as obras de Aristóteles presente nos comentários. Assim, em meio a essas proibições e diante deste contexto, é importante tecer algumas questões essenciais para se compreender esse difícil equilíbrio entre a fé e a razão. Como os teólogos da Igreja reagiram em face dessa difusão do aristotelismo? Como São Boaventura, que acima de tudo é um franciscano, defende a autoridade bíblica mediante a filosofia avessa de Aristóteles presente nos comentários de Averróis? Que entre outras considerações, conclui que o mundo não é criado, mas sim eterno. Visto que ele é um pensador, é preciso questionar, quais argumentos ele utilizou e como os utilizou para proteger a Santa Doutrina. Por que na classificação dos saberes feita por São Boaventura, a Teologia era o conhecimento mais importante? Mesmo que ele seja um homem temente a Deus, que tem fé, como ele justifica ou demonstra racionalmente o valor desse saber em face do aristotelismo? Seus argumentos se dirigem mais para o lado emocional ou racional?

Mediante o contexto esboçado acima é que deve a seguir ser analisada a postura intelectual e religiosa de São Boaventura. Sua existência esta compreendida no intervalo temporal entre 1221 e 1274, durante esse período ele desenvolveu basicamente funções intelectuais – estudo e docência e funções religiosas – membro, frei, cardeal-bispo, Ministro geral da ordem (LOYN, 1990).

São Boaventura é um espécime de nome ao qual ele passou a responder após entrar na Ordem franciscana em 1243. Seu nome real é João de Fianza o mesmo de seu pai que era médico. Ele nasceu em Bagnoregio ou Bagnoregia na Itália. Carvalho (1996) explica que sua terra natal foi Civita que hoje é um bairro de Bagnoregio.

Quanto à pessoa deste intelectual, o que se pode afirmar é que foi um cristão a parte por ter renovado a doutrina de sua ordem propondo melhoramentos. Ouviu as lições dos mais renomados mestres teólogos de Paris entre eles do inglês Alexandre de Hales. Sua participação deliberativa no concílio de Lyon realizado após 1272 evidencia uma carreira dividida entre a vida religiosa e intelectual.

Uma das mais expressivas influências teóricas de São Boaventura é Santo Agostinho que por sua vez é considerado um neoplatônico. Enquanto viveu, Jesus esteve no centro da sua vida. Seu trabalho intelectual é considerado bem distinto por alguns autores como Nunes (2001). Sua reflexão é o resultado de emoção e razão. A partir daqui deu-se o primeiro passo em direção à atitude bonaventuriana face aos acontecimentos de sua época, ou seja, as questões trazidas pelas obras atribuídas ao filósofo Aristóteles.

A posição de São Boaventura diante da crescente difusão do aristotelismo no século XIII pode ser entendida como um ato de fé – acreditar na veracidade de uma coisa. Sem oscilar nem se resignar em relação à atração exercida ao estudo das novas obras, este teólogo se colocou como um legítimo defensor de um conhecimento tradicional. A Teologia em uma perspectiva bonaventuriana é como o radical em uma palavra ou a base de uma árvore, ou seja, embora surjam outras palavras, se desprendam novos galhos é preciso observar que em ambos haverá de estar uma raiz, um tronco.

Entre todas as obras teológicas de São Boaventura uma se destaca pela sua particularidade: *Recondução das Ciências à Teologia*. Nela estão materializados os mais concisos argumentos em prol da Teologia. E sua análise permite compreender a resposta de um franciscano à presença de obras aristotélicas nas universidades e principalmente aos comentários a esses textos considerados perigosos pela cristandade por colocar em risco a fé.

Toda dádiva excelente e todo dom perfeito vem do alto, descendendo do Pai das Luzes, diz Tiago no primeiro capítulo da sua Epístola. Nesta frase alude-se à toda a iluminação e, ao mesmo tempo, ela insinua a liberalidade da emanção em múltiplas luzes a partir da luz fontal. Ainda que toda a iluminação do conhecimento seja interior, podemos, todavia, através da razão, fazer uma diferença e dizer que há um lume exterior, o lume da arte mecânica; um lume inferior, o lume do conhecimento sensitivo; um lume interior, o lume do conhecimento filosófico; um lume superior, o lume da graça e da sagrada Escritura. O primeiro ilumina em ordem às figuras artificiais, o segundo em ordem à verdade intelectual, o quarto e último em ordem à verdade que salva (SÃO BOAVENTURA, 1996, p. 13).

Com base nestas primeiras palavras escritas por Boaventura percebe-se sua referência a Bíblia. Esta é tida por ele como uma autoridade. Sua leitura sobre uma parte do texto escrito pelo Apóstolo Tiago trás a ideia de iluminação e divisão desta. O conhecimento ilumina determinado objeto, ou seja, possibilita ver no sentido de conhecer. Existem, no entanto, múltiplos conhecimentos, mas com uma mesma origem. Eles foram emanados – saíram de algo. A fonte das ciências é o Pai das Luzes – Deus especificamente.

Continuando, estes lumes referentes a saberes estão divididos em quatro. Em ordem hierárquica tem-se: o lume da arte mecânica, o lume do conhecimento sensitivo, o lume do conhecimento filosófico e o lume da graça e da Sagrada Escritura. Analisando essa primeira colocação textual do teólogo entende-se que Boaventura vai buscar a excelência da Teologia como uma ciência superior, através da classificação e da originalidade das ciências. O foco do estudo teológico revela um fundamento comum para todas as ciências.

Toda a validade das afirmações de São Boaventura está ancorada na religião – no cristianismo. Segundo essa doutrina religiosa existe um único Deus. Este ser é o responsável pela criação do mundo e de tudo o que há nele. Voltando ao início do documento, uma análise em um pequeno trecho o teólogo afirma que embora haja quatro tipos de conhecimentos todos são interiores. Todos sofrem o intermédio da mente – da sua razão intelectual. A diferença mais acentuada está naquilo que ela se dirige a fim de iluminar.

A razão intelectual atua como um agente extremamente ativo no que tange ao conhecer. Mas o quarto lume – da Sagrada Escritura é considerado superior. Até mesmo à forma de se obtê-lo exige uma operação mais complexa. É um saber que se dá de modo interativo entre aquele que quer conhecer e aquilo a ser conhecido. Neste processo a razão precisa estar entrelaçada pela fé sendo guiada por esta, pois a realidade a ser contemplada é divina.

A superioridade desde lume reside em seus aspectos. O primeiro é a própria natureza do ente estudado (Deus), segundo a finalidade do estudo. Analisando mais detidamente este último tem-se que o teólogo pretende não só conhecer esta realidade, mas estar nela. A palavra salvação usada por São Boaventura mostra este objetivo.

De acordo com São Boaventura, a palavra de Deus é uma só, mas contém implícita uma tríplice compreensão onde as capacidades intelectuais precisam de amparo para alcançar seu sentido mais oculto. Este amparo deve ser entendido como a plena convicção da existência daquilo que se estuda. Refere-se ao místico, ao espiritual que tem existência mediante a crença:

Ainda que ele seja uno segundo a interpretação literal, é todavia tríplice segundo o sentido místico e espiritual. Porquanto, em todos os livros da Sagrada Escritura, além do sentido literal, que as palavras exprimem exteriormente, é possível conhecer um tríplice sentido espiritual a saber: o *alegórico*, pelo qual se ensina o que se deve crer a respeito da divindade e da humanidade; o *moral*, pelo qual se ensina como viver; e o *anagógico*, pelo qual se ensina de que maneira se deve aderir a Deus. Daqui se infere que toda a Sagrada escritura ensina estas três coisas: a geração eterna de Cristo e a sua encarnação, a regra de viver, e a união de Deus e da alma. (...) (SÃO BOAVENTURA, 1996, p.14).

O que São Boaventura pretende lembrar é quem somos, porque somos e para que somos. O estudo do aristotelismo seria uma dedicação perigosa ao por em risco a perdição da alma. Os quatro tipos de lumes mencionados pelo teólogo são alcançados através do esforço intelectual do homem, contudo o quarto lume na visão de Boaventura é o resultado da crença.

Segundo a classificação de Carvalho (1996) tem-se em três pontos a reunião dos saberes teológicos:

Sagrada Escritura (lume superior)

Alegoria	O que se deve crer	Fé	Doutores
Moralidade	Como se deve viver	Costumes	Pregadores
Anagogia	Modo de chegar a Deus	Fim das duas	Contemplativos

A divisão exposta acima permite afirmar que o quarto lume é um saber que direciona o homem de três maneiras. Orienta uma forma de viver estreitamente ligada à vida religiosa, trata da moral, da fé e da finalidade ou do sentido do viver. Como se pode notar é um conjunto, entre as teses levantadas pelos averroístas contrárias as “verdades” da Sagrada Palavra esta a da eternidade do mundo e unidade do intelecto.

Estas duas principais teses tocam dois pilares da alegoria teológica, a alma e a criação, ou seja, sobre o que se deve crer. A criação é um dogma cristão defendido pelo corpo eclesiástico e entre os teólogos, São Boaventura é um dos representantes dessa ação divina. O documento elaborado por este intelectual explica a dignidade de doutor conferida ao franciscano em 1587 (BOEHNER; ETIENNE, 1970).

A Bíblia é a principal referência e autoridade que São Boaventura mais respeita. Ela fala de sua geração e encarnação o que pressupõe a inquestionável existência de Deus como criador. A ideia de que o mundo sempre existiu anula tanto a existência de Deus como criador quanto a de Jesus como criatura. O fato de São Boaventura pertencer a uma ordem religiosa cristocêntrica coloca este religioso a frente de uma das mais complexas questões religiosas de sua época.

A tese defendida por São Boaventura é a de que todos saberes apontam para Deus. E ainda que ele seja uno (Sagrada Palavra), segundo a interpretação literal é, todavia, tríplice segundo o sentido místico e espiritual. É o alegórico, moral e anagógico. O primeiro é um tipo de conteúdo bíblico que fala sobre a verdade de Deus e do mundo. Essa “verdade” está centrada na existência de Jesus, ou seja, toda a Palavra Sagrada remete a esse ponto. O segundo, o moral é um conteúdo a respeito da regra de viver uma vez que se acredita naquela verdade, a partir daí adquire-se uma maneira própria de viver baseada em princípios particulares (cristãos).

O último conteúdo é o anagógico. Ele pode ser caracterizado pela sua finalidade que é chegar a Deus, unir-se a ele o que só é possível com fé e conduta correta. São Boaventura em sua tríplice interpretação bíblica chama a atenção para o fato de que em todas as ciências existem três coisas – um ensino, um modo de ensino e uma finalidade do ensino, porém mais importante que isso é que estas três constatações referem-se respectivamente a Jesus, caminho e Deus. Ao falar em superioridade quanto ao quarto lume, ele explica que isso se deve a razão de ser desse estudo que é conduzir para o que é superior. É um modo de se chegar a Deus e que as outras ciências não podem fazer. Em seguida ele fala – manifestando o que supera a razão, ou seja, o que se situa além desta, das capacidades intelectuais. Esse saber, seguindo o pensamento de Boaventura, vem do Pai das luzes não por investigação, mas por inspiração algo que está ligado a fé, a emoção, ao sentimento. Quando se fala em

inspiração deve-se pensar naquilo que inspira. Na busca pela verdade da salvação a fé é a luz da razão.

Todo o conhecimento deve terminar no conhecimento da Sagrada Escritura. Analisando este trecho tem-se que todo e qualquer estudo antes deve apenas preparar, apoiar, colaborar e limitar-se ao quarto lume. O principal objetivo de Boaventura é demonstrar como os ensinamentos da Teologia estão em todas as ciências. Ao fazer tal coisa evidencia haver um paralelo de conhecimentos, ou seja, embora uma determinada possa investigar sobre algo específico como, por exemplo, a gramática estuda a palavra, ela também ensina sobre Jesus.

Ao demonstrar que em todas as ciências estão os saberes sobre Cristo ainda que de forma latente, fica provada a superioridade do quarto lume. É esse o sentido do verbo reconduzir que indica o trabalho intelectual de Boaventura. Quando o “aristotelismo” se tornou o foco dos estudos, ele questionou a própria cientificidade da teologia, além disso, ele se colocou como um tipo de conhecimento superior assumindo autonomia no sentido de fundamento e totalidade.

Na concepção de Carvalho (1996), a teologia tem duas acepções; primeiramente, ela é uma ciência que estuda Deus, mas também é Sagrada Escritura quando se trata da forma de estudar a Deus. Existe uma sutil diferença entre teologia e Sagrada Escritura, ou seja, a teologia é o estudo de Deus como objeto, mas feito indiretamente através da Bíblia. A Sagrada Escritura fala sobre Deus e seus feitos, a teologia é o estudo científico.

Se for examinado o termo reconduzir ou resolver irá ser encontrada a seguinte questão: como mostrar a ligação das ciências com a teologia e Deus? Segundo Carvalho (1996), equivale a pegar uma verdade e voltar a trazê-la de grau em grau ou em todos os níveis até as razões ou causas eternas ou fundamentos últimos que a fundam. Quando isso ocorre o entendimento reconhece que a verdade depende de Deus como seu próprio fundamento. Com isso o autor aponta para o trabalho realizado por Boaventura em *Recondução das Ciências à Teologia*, que consiste num esforço intelectual e de fé em mostrar o criador naquilo feito por ele.

A partir desse ponto irá se procurar entender as opiniões de São Boaventura sobre a filosofia analisando o terceiro lume, lembrando que este intelectual não estudou as novas

obras que constituíam o novo aristotelismo. A postura observada no documento diz respeito à filosofia como um tipo de saber, independentemente da corrente filosófica. Ao falar sobre este saber o teólogo deixa que se perceba sua opinião em relação ao aristotelismo do século XIII. Ao reconduzir a ciências a teologia, Boaventura tem uma visão panorâmica de todos os saberes. Isto permite que saiba exatamente onde está a filosofia. Considerá-la isoladamente é não reconhecer seu próprio fundamento.

São Boaventura estabelece não apenas uma tipologia de conhecimentos, mas uma hierarquia entre eles. O terceiro lume, que é o da filosofia, é o que mais se aproxima em superioridade ao quarto sendo sua maior qualidade a interioridade, ou seja, ele é um saber mais profundo que os demais ao qual ele sucede. Ele está além da materialidade e sensibilidade. Vê-se então, que a superioridade dos saberes está calculada na distância em que estão em relação ao objeto que pretendem conhecer e o próprio objeto a ser conhecido.

Assim como nos outros conhecimentos São Boaventura divide o terceiro lume em três para mostrar o que ele ensina implicitamente:

3 – Conhecimento filosófico (lume interior)

-- **racional** (verdade da palavra)

Razões do intelegir / causa exemplar / faculdade interpretativa

_ gramática / exprimir / faculdade de apreensão / congruência discursiva

_ lógica / instruir / faculdade judicativa / verdade da palavra

_ retórica / persuadir / faculdade motiva / elegância da palavra

_ **natural** (verdade das coisas)

Causas do ser / causa eficiente / faculdade auto-regida

_ física / geração e corrupção / razões formais (matéria)

_ matemática / todos os entes / razões intelectuais (alma)

_ metafísica / todos os entes / razões ideais (sabedoria divina)

_ **moral** / verdade dos costumes / faculdade motiva

Regra de viver (causa final)

_ monástica / ética individual

_ económica / ética familiar

_ política / ética política

(SÃO BOAVENTURA, 1996, p.50)

O aristotelismo do século XIII com relação à física e a metafísica juntas respondiam de forma diferente a questões já resolvidas como a existência das coisas, o porquê que eram da maneira que eram. A investigação filosófica da física penetrava fundo no universo da matéria humana bem como no de outras naturezas naturais. Por outro lado, a metafísica era um campo filosófico em que as reflexões estavam na busca em definir a essência das coisas e do

ser primeiro. A questão principal era que no resultado final desses estudos não se encontrava evidências divinas.

Como pequeno exemplo foi analisado o sentido místico e espiritual que São Boaventura afirma estar em todas as ciências. Com relação à filosofia racional que tem seu foco na palavra através do estudo da gramática, o teólogo observa nela por meio de três características, os três sentidos religiosos. Segundo Boaventura, a palavra é proferida por alguém, de alguma forma e com alguma razão de ser ouvida. A palavra representa algo contido dentro de outra coisa, ou seja, da mente e para que este algo até então situado dentro possa ser conhecido ele precisa de um meio para se tornar exterior possibilitando assim ser conhecido por outros.

Boaventura chama a atenção para a semelhança que há em relação à vida de Jesus na forma como ele foi concebido. Deus, para criá-lo, baseou em si mesmo, mas para que a humanidade pudesse também conhecê-lo era preciso um revestimento – a carne da mesma maneira que a voz reveste o conceito até então existente apenas na mente de quem o elaborou. Por fim mesmo Deus tendo criado Jesus e este tenha se revestido de materialidade, continuou em Deus da mesma maneira como a ideia de, por exemplo, uma mesa ao ser revestida da matéria madeira continua na mente de quem a pensou.

A postura de São Boaventura pode ser então entendida como conservadora. O intelectual não chegou a fazer um exame detalhado das obras atribuídas a Aristóteles por que não tinha dúvidas quanto à sua fé e conhecimentos adquiridos nos longos anos de estudo no curso de teologia. Também é possível uma observação sobre por que a teologia deveria ser mantida como um conhecimento superior aos demais. O trabalho deste intelectual apresenta informações não apenas sobre a filosofia, mas todos os ramos do saber mostrando seus limites e particularidades. Neste trabalho possível encontrar mais precisamente informações sobre o terceiro e quarto lume.

A superioridade de um conhecimento é algo intimamente ligada àquilo sobre o qual ele é capaz de conhecer, contudo é preciso ater-se ao contexto cultural no qual ele esteve inserido. No século XIII a sociedade ocidental respira um ar de religião (cristianismo). A teologia como ciência ou estudo sobre Deus, na visão de Boaventura que, foi antes de tudo um cristão pertencente a uma regra centrada na vida de Jesus e que ele mesmo aperfeiçoou,

deveria ter esse *status* devido ao seu foco de estudo. Deus é responsável pela criação, os conhecimentos estão entre as coisas criadas por ele. São Boaventura demonstrou articulação das ciências no corpo da teologia, permitiu que se pudesse visualizar como uma mesma coisa pode estar contida em outra ainda que de forma diferente.

Ser um filósofo e não um teólogo, na concepção de São Boaventura, era como ser incompleto uma vez que toda sabedoria estava reunida no ser supremo e a única maneira de chegar até ela era o estudo teológico que como ressaltou Boaventura não dependia da investigação, mas inspiração. O aristotelismo do século XIII não propunha apenas outra explicação para determinadas coisas, mais uma profunda investigação sobre elas e ao fazer isso às questões religiosas perdiam relevância. Através da análise feita sobre o documento elaborado por São Boaventura fica exposto um dos eventos mais determinantes na história da cultura erudita Ocidental. O documento mostra resistência em relação à mudança que representava a disseminação nas universidades daquelas obras que traziam uma nova proposta educacional.

Portanto, pode se dizer que este estudo sobre o posicionamento de São Boaventura diante das leituras de obras aristotélicas tornou possível compreender importantes aspectos ligados a educação e a sociedade medieval do Ocidente europeu. As reflexões teológicas como um ato de fé e de intelectualidade, expressavam aquilo em o homem medieval acreditava e queria conhecer ou aproximar-se. A educação e a religião deveriam estar em aliança a fim de perpetuar, buscar e exercer a fé.

O foco do homem medieval estava na dimensão metafísica. Esta diz respeito à alma, aos anjos, ao “céu”, a Deus e ao inferno. A existência desses entes era o centro das preocupações das autoridades eclesiásticas e dos homens de saber daquele período os quais disseminavam as ideias que passavam a orientar o pensamento dos homens de outros segmentos da sociedade. A partir desta constatação, vê-se que aprender e ensinar revelava o desejo, o interesse, a emoção, objetivos e virtudes do que era o deveria ser um homem do século XIII. Este homem tanto aqueles com determinada bagagem intelectual quanto aqueles que não se dedicavam ao estudo compartilhavam um sentimento de confiança na existência de uma dimensão situada além da materialidade. Nesse sentido, ensinar pode ser entendido

como um ato de amor ao próximo quando se tem em vista a salvação da alma, da mesma maneira aprender é uma busca não pelo saber em si, mas pelo que se estuda.

As leituras sobre textos aristotélicos evidentemente deslocava o foco da educação. Em uma visão futurística isso provocaria uma mudança sociocultural em que as autoridades religiosas e intelectuais teriam reduzida a importância que tinham diante dos demais grupos sociais. Contudo, observando o lado da crença como um sentimento verdadeiro, a proposta do aristotelismo naquele momento questionava as verdades mais significativas de uma pessoa propondo uma crise até mesmo existencial.

A educação é um importante instrumento de difusão e aceleração de doutrinas. Por isso se observou como o aristotelismo causava reações hostis por parte dos líderes cristãos. O conteúdo destas obras, segundo o que delas afirmavam os averroístas era visto como equívocos ou erros por teólogos e autoridades da Igreja Católica. É possível também ressaltar que as obras recém-traduzidas até poderiam vir a constituir parte do estudo como muitas outras foram à questão é que essas não passaram pelo crivo do cristianismo (DE BONI, 2010).

A educação medieval foi o resultado de um constante esforço em instrumentalizar os conhecimentos de outras culturas a fim de enriquecer a própria. Mas, acima de tudo, esteve pautada na religião, na crença, na fé, na devoção, na aceitação, na emoção e também na razão. A partir do momento que a racionalidade e naturalidade trazidas pelo aristotelismo propõem entender o mundo a partir do que é típico dele, vê-se que existe então uma proposta educacional revolucionária.

Com relação a essa situação, os intelectuais do Ocidente precisavam se posicionar, mas não podiam fazer isso sem antes saber ao certo o que era a ameaça. Ofensiva ou defensivamente, uma atitude deveria ser tomada em favor, contra ou intermediária de determinado conhecimento. E é isso que São Boaventura faz. Percebe-se pela análise de sua obra *Recondução das Ciências a Teologia*, o seu posicionamento em meio à crise gerada pelo aristotelismo, sobretudo mediante aos comentários averroístas.

À guisa de conclusão, pode se afirmar que São Boaventura não comenta Aristóteles, não busca adaptá-lo. Ele não se preocupa em aprofundar o conhecimento do filósofo muito menos o ensina. Ele se pronuncia não dentro do aristotelismo, mas dentro de sua teologia, de sua fé. Não existe um aristotelismo boaventurano. No entanto, para responder as questões

era necessário antes, conhecer as ideias a serem refutadas e se possível superadas. Assim, ele construiu um texto que contém ainda que de forma implícita, uma argumentação filosófica e dialética. Era preciso que as respostas fossem dadas em uma linguagem universitária, ou seja, um discurso dialético, verdadeiro sem contradições, o mais racional possível.

O posicionamento de São Boaventura mostrou que a filosofia, assim como as outras ciências, tem um importante valor. Mas não aderiu ao aristotelismo, pois acreditava que este se tratava de um empreendimento em que a finalidade não estava de acordo com seu esforço. Mais que isso, colocava em risco a salvação da alma. A filosofia, bem como todas as outras ciências, deveria ser pensada em conjunto. A teologia por ser o conhecimento do criador de todas as coisas, inclusive da própria razão, orientava o homem para essa visão na qual ele poderia ver em todo saber o próprio Deus. Diante disso, se propôs a pensar a relação das ciências entre si, seus objetos, métodos e fundamento. O pensamento analítico de Boaventura articulou as ciências em direção a teologia evidenciando a superioridade deste conhecimento e o motivo de seu *status* elevado em importância entre as ciências.

Fonte Impressa

SÃO BOAVENTURA. Recondução das Ciências a Teologia. In: CARVALHO, Mario Santiago (Org.). **São Boaventura: Recondução das Ciências a Teologia**. Porto: Editora de Porto, 1996.

Referências Bibliográficas

ALESSIO, F. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002, 2 vol. p. 367-381.

BOEHNER, P. GILSON, E. **História Da Filosofia Cristã**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1970.

CARVALHO, M. Tradução e Posfácio. In: **São Boaventura: Recondução das Ciências a Teologia**. Porto: Editora de Porto, 1996.

DE BONI, L. **A entrada de Aristóteles no Ocidente medieval**. Porto Alegre: Ulysses, 2010.

GILSON, E. **A filosofia cristã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOYRÉ, A. Aristotelismo e platonismo na Filosofia da Idade Média. In: **Estudos de História do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982, p. 22 – 45.

LE GOFF, J. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____, _____. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LIBERA A. *O século XIII. A Filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998.

LOYN, H. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

OLIVEIRA, T. As Universidades na Idade Média. In: **Notandum Libro - 5**. São Paulo/Porto: Editora Mandruvá, n. 5, p. 01-61, 2005.

VERGER, J. Universidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C (Org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, 2 vol. p. 573-587.

_____. _____. *Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. São Paulo: EDUSC, 2001.

Referências Eletrônicas

NUNES, R. São Boaventura e Aristóteles. **Cadernos de História de História e Filosofia da Educação**. FEUSP, vol. IV, 2001. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur15/ruy.htm>. Acesso em: 30 de março de 2010.